

O MEDO ILUSÓRIO DO EU

Saudações, meus queridos, queridos amigos. Bênçãos para cada um de vocês. Bendito seja cada passo em seu caminho para a libertação e a realização.

A maior alegria e liberdade do homem acontecem quando ele pode dar de acordo com seu potencial. Inversamente, a maior dor é o resultado de não dar à vida e aos outros de acordo com o potencial intrínseco de cada um. Todas as outras dores e todas as outras frustrações derivam da dor de não dar o que está no íntimo, assim como todas as outras satisfações e prazeres estão contidos no ato de doar-se à vida sem restrições. Quando o homem não faz isso, e portanto se envolve em um padrão de dor cada vez maior, ele age por medo de encontrar a si mesmo. Em última análise, todos os medos derivam do medo que o homem tem de seu ser mais íntimo – aquela sua parte que ele ainda não conhece e não admite totalmente.

Enquanto mantém parte de si mesmo oculta e secreta, uma pessoa não pode ser livre. Nesse caso, precisa ficar constantemente em guarda, e precisa fingir. Portanto, onde o homem tem suas distorções, ele vive uma mentira – uma mentira que ele não precisa viver mas vive, devido ao falso medo de si mesmo.

Algumas pessoas, com relativa rapidez, atingem o ponto de encontro daquela parte privada, oculta e, apesar do medo, superam e evoluem como criaturas livres. Um número muito maior de seres humanos procura evitar a questão, mesmo os amigos que vivem e trabalham no caminho e aparentemente estão empenhados na melhor intenção aparente de encontrar a si mesmos – mesmo assim, evitam a questão. Eles têm a vaga esperança de poderem atingir essa meta sem examinar totalmente a si mesmos, sem expor tudo, sem esconder nada.

O medo do eu é o medo básico que está por trás do medo da vida e até do medo da morte. Também não poderia haver medo dos outros se o homem estivesse livre do medo de si mesmo. Como diversos dos meus amigos estão gradualmente se aproximando ou já se aproximaram do ponto em que é preciso renunciar à “grande mentira” e tudo, em seu íntimo, combate nesse sentido, é de extrema importância discutir agora o medo do eu – de onde ele vem, o que ele faz para o homem se, em vez de superado, ele for acalentado.

O medo do eu só pode levar ao afastamento de si mesmo. Por isso, ele rouba do homem seu direito intrínseco de ser uma criatura feliz, livre, que vive e se desenvolve plenamente, que dá e recebe. O resultado é que o homem se envolve cada vez mais com processos invertidos, em virtude dos

quais, além de perder contato com seu ser mais íntimo, ele também perde contato com a causa e efeito dentro de si mesmo – e com aquele mecanismo que, em seu íntimo, permite gerir a si próprio de maneira descontraída e assim poder construir sua vida de modo recompensador e realista. Quando o homem se afasta de si mesmo porque ainda não está disposto a se olhar e se expor, sejam quais forem as consequências, primeiramente ele chega a uma encruzilhada onde parece ter à sua frente duas alternativas, uma boa e uma ruim. Já falei sobre isso antes, com relação a outros aspectos. Vamos examinar a questão novamente neste contexto.

Quando uma pessoa tem medo de si mesma, esse medo se remete ao fato, de um modo ou outro, de que ela não pode ser o que deseja ser. Aquilo que ela deseja ser é um ideal que ela aspira a ser, ou algo em que aspira se transformar. No entanto, esse ideal é irrealizável e irrealista, porque é um ideal fora do eu, longe do eu. Essa é, aparentemente, a alternativa “boa”. A alternativa “má” parece ser o que a pessoa é naquele momento. Mas isso também é irrealista, porque a forma como ela se vê é tão exagerada e distorcida como a meta que, em sua opinião, deve atingir. Não se trata nem mesmo da questão da meta ser irrealista por estar acima do que aquela pessoa poderia ser ou abaixo do que ela já é, embora isso também possa acontecer. No entanto, o que ocorre com mais frequência é a pessoa simplesmente distorcer; mas aquilo que ela acha imperdoavelmente mau em si mesma deixará de ser visto dessa forma quando ficar totalmente revelado e a pessoa entender causa e efeito. Ao mesmo tempo, ela descobrirá tendências negativas, e entenderá, como nunca havia ocorrido antes, que elas são indesejáveis, mas nem por isso se sentirá diminuída. Sempre que o homem se sente oprimido pelo que é ou teme ser, ele não tem uma percepção realista de si mesmo. Da mesma forma, a alternativa “boa”, quando examinada de perto, nem sempre é tão desejável quanto parece. Essa qualidade rasa e sem vida constrange ambas as alternativas boa e má enquanto reduz a realidade, limita o alcance e amortece a rica substância vital.

O primeiro elo da reação em cadeia negativa que sucede a recusa em enxergar o eu inteiro, em renunciar à “mentira interior”, é uma escolha limitada entre bom ou mau – a começar com o eu, é claro, e prosseguindo a partir daí, limitando muitos outros aspectos da vida ao mesmo molde estreito. Quase todas as outras questões da vida passam a ser uma questão de ou/ou. Ela exige uma decisão que é impossível tomar, porque até o “bom” é problemático. Como até o bom sempre foi irreal e irrealista, ele se torna inviável, inatingível, impossível – ou mesmo indesejável em seu apelo. A totalidade da vida, começando com o eu, parece estar dividida entre a alternativa “boa” formal, rígida, sem vida, e a alternativa uniformemente “má”. Tudo que é feito segue esse padrão. Nenhuma dessas alternativas pode ser completamente satisfatória, deixando o eu confortável e à vontade. Ambas apresentam uma tensão e dão a nítida sensação de irrealidade.

O elo seguinte da reação em cadeia negativa, depois do afastamento de si mesmo, é que essas alternativas aparentes, bom versus ruim, se transformam em duas alternativas igualmente indesejáveis. Também já falamos sobre isso anteriormente, em muitas ocasiões. No entanto, é importante vocês verem a questão nessa sequência específica. Quando vocês acham que estão diante de suas alternativas igualmente indesejáveis, estão distorcendo a verdade a beleza. Até os aspectos mais desejáveis da vida se tornam amargos ou contêm elementos que vocês podem achar indesejáveis, apesar de também acharem que não deveriam considerá-los indesejáveis. E vocês ficam cada vez mais confusos.

Um exemplo típico e importante desse estado é uma dicotomia entre desejo e realização. Quando existe saúde e verdade, esses dois aspectos se tornam um só mesmo antes da pessoa ter

percebido em seu íntimo que desejo e realização são uma só coisa, embora ainda exista uma separação entre esses dois aspectos. A pessoa livre que não está afastada do seu eu real, não sente nenhum problema, nenhuma angústia, nenhum conflito em relação a algum desses aspectos. Quem está passando por um processo de separação de si mesmo, e que portanto chegou ao elo seguinte da cadeia negativa, quando todas as alternativas possíveis parecem indesejáveis, vê o desejo e a realização como algo negativo. O desejo saudável é uma expansão descontraída, uma busca de possibilidades sempre novas, de expansão e realização. Quando há distorção, o desejo se transforma em frustração. Na psique, desejo e frustração parecem ser iguais, sendo, portanto, indesejáveis. O mesmo acontece com a realização. Ela se transforma em saturação, estagnação, um beco sem saída, que não leva a lugar nenhum. Assim, a pessoa oscila entre dois estados igualmente indesejáveis de frustração e saturação.

Quando desaparece o medo do eu, não é preciso temer nem o desejo nem a realização, pois então se sabe que o desejo será realizado e que a realização não será um fim, e sim um novo começo. Se há distorção e desligamento do eu real, a perspectiva é sempre tão negativa que é inconcebível que o desejo possa ser realizado. Assim, a busca saudável – o desejo – não pode ser empreendida, sendo ao contrário rejeitada. A pessoa nesse estado deixa de desejar. Para compensar, a alma se extenua numa cobiça obstinada, que é resultado da convicção de que não existe a realização. É preciso lutar por ela, agarrá-la, forçá-la. O homem convencido de que a realização é impossível não ousa desejar. Quando ele não deseja livremente, abertamente – com a liberdade e a abertura que só são possíveis quando ele também se encara com igual liberdade e abertura – a frustração é inevitável.

Por que sempre que aparecem vestígios de realização nesse estado interior, eles se transformam inevitavelmente em saturação? A realização só pode permanecer vibrante quando o ser interior está aberto e é livre, sem esconderijos nem defesas. Nesse caso, todas as energias cósmicas vibram no eterno agora, onde a bem-aventurança não tem fim, onde existe um constante crescimento e desdobramento de todas as forças universais. Mas quando a alma está hermeticamente fechada, ou pelo menos em parte, ela fica endurecida, rígida, e portanto essas energias vitais não podem chegar até a câmara secreta. Assim, todas as atividades têm começo e fim, pois o eu é sentido como finito, e não como infinito. No mundo finito a realização é um fim raso e consumado tornando-se portanto uma carga. Ele também parece ser confuso e fútil, deixando uma sensação de “para que”, a sensação de que nada tem sentido, pois mesmo quando são realizados os desejos se transformam em algo tedioso e sem atrativos.

Quando a alma está em verdade para consigo mesma e conseqüentemente para com o universo, a realização é um continuum vibrante, infindável, profundamente satisfatório, e nunca um fim. Assim, não há como temer o desejo da realização. Se há distorção, o desejo é temido, aconteça o que acontecer. Ele é temido quando fica irrealizado, porque a frustração fere a alma. E é temido quando é realizado, porque a psique não sabe então o que fazer com ele. Assim, tanto o desejo quanto a realização são temidos e rejeitados – sempre proporcionalmente ao medo que o homem tem de seu próprio eu oculto.

Meus queridíssimos amigos, creio que a maioria de vocês consegue perceber a frágil noção que têm de que vocês temem a realização porque a realização adquiriu a forma distorcida da saturação, sendo portanto um fim – um beco sem saída. Vocês também conseguirão perceber como oscilam constantemente entre duas alternativas igualmente indesejáveis: frustração e saturação. É somente quando vocês não estiverem afastados de si mesmos que viverão a vibrante experiência do desejo

que nunca é doloroso. E portanto, desejo e realização passarão a ser uma só coisa assim como vocês se tornarão unos com vossos selfs.

Outra reação em cadeia da separação de si mesmo, devida ao medo de encontrar o eu, é perder-se na ilusão de que a pessoa não pode determinar o que se passa no eu. É o fenômeno frequente de acreditar que a pessoa é uma presa impotente de seus sentimentos, emoções, atitudes, e até pensamentos ou atos. Quando vocês temem que suas emoções negativas possam controlá-los, vocês perdem de vista o fato de que vocês têm voz ativa nesse processo. A passividade e o esquecimento de que nenhum pensamento ou ato pode existir se não houver disposição ou vontade de sua parte é a ilusão da falta de autogestão. Quantas vezes vocês dizem “mas eu sinto isso e aquilo”, como se essas palavras explicassem tudo e o sentimento dominante tornasse impossível achar uma saída! Vocês passam por cima do fato simples, e de alcance imediato que é determinar como pensam ou agem, bem como o modo como querem sentir e reagir. Isso não precisa ser uma imposição ou um autoengano. Não depois que o eu for totalmente encontrado. Como vocês sabem o que realmente sentem, podem determinar, podem desejar sentir diferentemente.

Esse desejo tem um efeito. No que diz respeito à escolha de sua ação, sua atitude, por exemplo, em relação ao que encontram na câmara secreta da sua psique, vocês nem mesmo precisam esperar o efeito. Vocês têm a possibilidade de determinar imediatamente se oferecerão ou não resistência; se agirão ou não de modo destrutivo; se optarão ou não por maneiras construtivas de viver, de encontrar a si mesmos, de desejar e de determinar qual caminho está aberto para vocês. Descobrirão, então, que é uma ilusão acreditar que precisam continuar tendo sentimentos destrutivos até que algo externo venha livrá-los. Vocês podem se livrar instantaneamente desses sentimentos, desejando aquilo que for mais construtivo naquele momento particular de sua vida. No entanto, esse desejo construtivo só é possível quando vocês sabem quem são. Enquanto estiverem ocupados mantendo uma parte de si mesmos, separada e secreta, não saberão nem mesmo qual é o desejo construtivo e relevante. Assim como a parte secreta é turva e vaga, também o são os desejos pertinentes a qualquer momento dado.

Vamos supor que vocês encontrem e temam ódio ou hostilidade. Vocês têm medo da força desse sentimento sobre vocês ou seus atos. Basta dizer: “Vou encarar sem reservas esses sentimentos destrutivos, que não vão me obrigar a agir, pois sou senhor de todos os sentimentos. Eu determino meus atos. Eu determino o que quero fazer, pensar e sentir. Quero, agora, ver o que é isso. E desejo e pretendo transformar essas emoções em algo verdadeiro e construtivo. Escolho a atitude que terei para enfrentar essas emoções. Se eu constatar que no íntimo não me agrada abrir mão desses sentimentos destrutivos, não vou negar essa recusa interna, através da repressão, nem vou ceder a ela. Vou enfrentar isso também, sem me deixar vencer. Eu determino a verdade em mim mesmo, e escolho caminhos construtivos.” Essa determinação é o primeiro passo para sair da autoalienação.

Essa é a mecânica pela qual a autogestão imediata se torna disponível, descontraída, realista, verdadeira, ao contrário da imposição tensa, da negação, do autoengano, da ilusão. É possível tomar essa profunda decisão interior em qualquer momento. Mas vocês agem na ilusão de que não podem interferir no que sentem, pensam e como agem. Quando digo agem, isso inclui a atitude de permanecerem passivamente controlados pela resistência e por emoções negativas. Vocês agem na ilusão de que estão à mercê do que sentem, pensam e desejam expressando isso quase exatamente nesses termos. “Mas é isso que sinto”, vocês dizem, e ponto final, como se essas palavras resumissem tudo, como se não houvesse nada mais a fazer. Vocês esperam que os sentimentos mudem em conse-

quência de algum milagre que ocorre no exterior. Não passa pela sua cabeça que, primeiro, vocês precisam querer ter outros sentimentos, para depois poderem sair da armadilha. E se vocês não quiserem ter outros sentimentos, é preciso admitir que não querem, em vez de se enganarem dizendo que querem, mas não podem. Uma vez admitido o fato de que vocês não querem ter outros sentimentos, podem descobrir por que querem permanecer em um estado negativo, indesejável.

Ao negar a verdade de que vocês podem escolher suas atitudes, pensamentos e ações, que vocês não estão à mercê deles, vocês perdem o maior poder de que dispõem, e que é a autogestão. Vocês confundem isso, meus amigos, com o falso controle que constantemente exercem sobre suas defesas, para manter secreta a parte oculta. Qualquer vestígio de energia é voltado para a atividade de controlar o segredo. Dessa forma, vocês perdem o controle sobre aquela parte que poderia determinar e ter uma vida frutífera, construtiva, em expansão.

A necessidade – imaginária – de manter secreta uma parte de vocês decorre do fato de não acreditarem no eu real com todas as suas qualidades. No entanto, enquanto vocês não se empenham de todo coração em expor aquilo que temem, não conseguem se convencer daquela parte do seu ser mais íntimo que é plenamente eficiente, digna de confiança, sábia e boa. Quando se convencem disso, descobrem que não há nada a temer.

O medo de vocês, em primeiro lugar, é sua dúvida e suspeita de que não existe nenhuma face-ta rica e confiável do seu ser interior que possa alimentá-los, sustentá-los. Assim, vocês temem que, em última análise, vocês são aquilo que odeia, que tem vontades e desejos destrutivos. Vocês começam escondendo isso dos outros, mas acabam escondendo também de si mesmos. Dessa forma, acabam perdendo o contato consigo mesmo.

Todos vocês precisam entender muito bem esse mecanismo e descobrir os meios que usam para fazer de conta que são totalmente honestos consigo mesmos, para que possam eliminar os últimos vestígios de controle sobre o seu segredo, e para se conhecerem como realmente são. Somente então vocês poderão se dedicar ao negócio sério do eu e da vida. Quando digo “negócio sério” estou falando em um sentido muito positivo. Significa descobrir o que vocês são em última análise, aquilo que, uma vez conhecido, não precisa ser escondido. Enquanto uma parte de vocês fica oculta, é como se vocês vivessem por procuração. É sempre “como se”, nunca é algo íntegro e real. Todos os objetivos e realizações são, de certa forma, um faz de conta.

Essa é a grande batalha humana. É uma luta de vida ou morte, mas é tão ilusória como a própria morte. Pois não importa quantas facetas destrutivas e indesejáveis vocês encontrem em seu íntimo: ter medo delas é ilusão. O medo delas gera mais medo, mais culpa, mais disfarce, mais neurose, mais perda de controle saudável sobre aquilo que pode ser controlado, ou seja a decisão sobre o que vocês desejam pensar, sentir, fazer, ser, a determinação do caminho interior, a direção interior a tomar. E como vocês e a vida são uma só e a mesma coisa – não podem ser diferentes – vocês só podem temer a vida na medida em que temem a si mesmos. Vocês só podem temer os outros na medida em que temem a si mesmos. Vocês não podem temer nada se não temerem aquilo em seu íntimo que mantém segredo – segredo até para vocês, pelo menos em parte. A vaga sensação de esconder alguma coisa pode ser determinada com facilidade, desde que a pessoa se decida a fazer isso. Vocês protegem ciosamente esse segredo, e ao fazê-lo afastam-se mais da energia vital e da presença significativa dentro de vocês, a única que pode dar-lhes inspiração e conduzi-los à realização. Reforçando esse processo, vocês trazem para si, uma infelicidade inútil e desnecessária.

Em pouco tempo vocês chegam ao ponto em que precisam fingir que não acreditam na existência daquela parte sua na qual têm todos os motivos para confiar. Isso, meus amigos, de uma forma muito sutil, é um fingimento, porque de certa forma parece mais fácil duvidar dessa energia vital do que admitir o medo do secreto e denunciar a mentira da sua vida. Mesmo que a mentira só diga respeito a uma pequena parte do seu ser, ela tem um efeito difuso em vocês, de modo que tudo o mais parece ser uma mentira – mesmo aquilo que é verdadeiro – aquilo sobre o qual vocês são verdadeiros com relação a si mesmos e aos outros, e que é verdadeiro por si mesmo. O próprio fato de vocês estarem vivos só pode ser um fenômeno autêntico quando não há nada a ocultar, quando vocês tomam a grande decisão de não se deixarem guiar pelo seu negativismo, pelo seu medo e covardia, pelas suas concepções errôneas e pela destrutividade, independentemente de quais emoções, pensamentos e desejos vocês abrigam secretamente. Se vocês afirmarem e reafirmarem o desejo de, acima de todas as coisas, renunciar a esse segredo interior, vocês encontrarão a totalidade do seu ser. Se isso for cultivado dia após dia com sinceridade, vocês não poderão se sentir perdidos, confusos, paralisados, perturbados, em desarmonia consigo ou com os outros. Não haverá nenhuma ansiedade, nenhuma perplexidade, nenhuma dor pungente. Tudo isso só pode ser evitado com o procedimento simples aqui descrito – encontrar a totalidade do eu, sem se esconder mais. Na medida em que vocês se dispuseram a fazer isso no passado, sentiram os efeitos, mas se esqueceram. Vocês se permitem serem guiados pelas defesas insensatas contra a verdade em você.

Observem as suas fugas; observem como vocês se ocupam com outras questões que nada têm a ver com essa grande questão. Vejam como preferem lidar com fatos inclementes dentro de vocês. Desconsideram reações que são indícios e oportunidades de esclarecimento e libertação. Assim, não fazem uso de uma importante chave que lhes mostra o caminho.

Saibam que o que eu disse produziu efeito imediato em muitos dos aqui presentes. Alguns talvez até achem que esta palestra foi dirigida exclusivamente para eles, porque se refere ao problema que estão vivendo agora. Mas eu falo a todos os presentes e aos que não estão aqui esta noite. Alguns precisam disso mais especificamente neste momento, enquanto outros talvez estejam envolvidos com muito vigor e positivamente no processo que recomendei. Mas isso sempre está sujeito a oscilações e mudanças. Portanto, é importante lembrar a simples fórmula de assumir o controle de si mesmo ao invés de se permitir ser controlado pelas negatividades e portanto pelo medo e culpa avolumados, aumentando a impotência. Porque, assim, vocês se distanciam cada vez mais daquele ponto interno que depende tão só de vocês facilmente mudarem, sem tensão ou sem exercer um controle forçado. A vida pode ser a experiência mais dinâmica, rica e venturosa que se pode imaginar, mas vocês só podem determinar a vida nesse sentido, não se permitindo serem vítimas do seu negativismo e da sua destrutividade. A simples fórmula de declarar seu vigoroso intento de não deixar isso acontecer, de não deixar a covardia e o medo vencerem, colocará em movimento esses poderes que tirarão vocês dessa armadilha. Todos os medos então, desvanecerão como neblina na luz do sol.

Queridos amigos, o medo do seu negativismo e destrutividade só é tão forte porque vocês acreditam que se trata de uma coisa definitiva, estática, como um objeto firme, indissolúvel, compacto, que parece feito de uma substância imutável. De certa forma esse medo é justificado, mas não como vocês pensam. Ele só se justifica enquanto vocês se agarram a ele, permitindo que ele os controle. Enquanto isso acontecer, vocês não poderão se livrar dele. O negativismo e a destrutividade que vocês temem em si mesmos só são sólidos e imutáveis enquanto vocês não quiserem mudá-los, enquanto vocês não o examinarem de perto, detalhadamente, enquanto vocês decidirem (interior-

mente, e às vezes não muito conscientemente) manter um departamento secreto. A escolha é sempre de vocês. Enquanto vocês optarem por não ver do que se trata e renunciar ao que é destrutivo, essa opção, como todas as outras, tem de ser honrada. Mas se vocês se decidirem pela alternativa positiva, o que houver de negativo em vocês deixará de parecer desastroso, porque vocês sabem que não é definitivo. Por pior que seja, não parecerá tão ruim porque vocês entenderão a causa e efeito. Isso fará uma diferença drástica na sua percepção e clima interiores e determinará o caminho a tomar. Vocês estarão dispostos a abrir mão, a renunciar; portanto, suportar o pior não representa nem um décimo da dificuldade correspondente a suportar uma minúscula imperfeição que o eu mantenha secreta, da qual não queira se desfazer. Portanto, o que o eu oculto, secreto tem de ruim não é a quantidade real de ruindade, se é que isso existe, mas a recusa em expor, ver e se livrar dessa parte oculta.

A meditação no sentido de que essa é a intenção de vocês – encarar e se livrar – representa a parte de vocês que, neste momento, está disponível para a autodeterminação. Com isso vocês perceberão que não há nada, absolutamente nada a temer. E no fim vocês estarão frente a frente com aquela parte de vocês, rica, sempre renovada e invariavelmente maravilhosa, através da qual vocês vivem vibrantemente, com confiança absoluta em si mesmos. Dessa forma, todas as limitações da vida se dissolverão. Vocês encontrarão um vasto mundo de muitas possibilidades de belas experiências exatamente aqui neste momento, bem agora. A vida, com essa nova ampliação, não conterá duas alternativas, uma pretensamente boa, uma pretensamente má, nem duas más alternativas – e sim muitas belas alternativas. Os resultados desejáveis não são ou isso ou aquilo; eles abrangem tudo – tudo que é bom pode ser obtido e transformado em realidade. Não há medo de que a realização acarrete a estagnação, pois isso só acontece com as pessoas que se políam demais. Para quem se solta e vibra espontaneamente numa expansão sem medo, a realização é um estado de ser no agora que não precisa ser temida como um término. Tampouco o desejo de todas as coisas boas da criação precisa ser temido como um começo que não tem futuro, um começo que até então era temido porque terminaria em decepção ou numa realização precária para a qual a pessoa não está preparada, não sabe o que fazer com ela nem como mantê-la. Assim se cria a unidade entre o eu externo e interno. A luta entre o eu externo e interno cessa no momento em que deixa de haver um segredo a guardar. A prejudicial separação é eliminada e reparada. Consequentemente, vocês não sentirão determinados aspectos da vida como se estivessem separados de vocês. Vocês deixarão de temer o resultado positivo como um fim insuportável, nem o resultado negativo como um começo sem futuro.

Agora cabe a vocês, a cada um de vocês, dar esse passo final. Alguns já começaram, e a esses eu digo, não desistam. Reforcem cada vez mais a intenção de se revelarem sem reservas para si mesmos, pois nada precisa ficar oculto, ser temido ou evitado. E para que os que ainda têm dificuldades quanto a essa questão, por mais tempo que já estejam neste caminho, eu digo, tentem. Usem a meditação que sugeri. Façam seriamente! E quando descobrirem o medo, trabalhem esse medo. Exponham o medo exatamente como é. Parem de negá-lo. Somente assim vocês vão descobrir que não há nada a temer, que todas as suas distorções e contorções são em vão, são inúteis. Ser o que vocês exatamente são agora, mesmo na câmara mais secreta, é muito melhor do que aquilo que vocês impõem à sua psique.

Meus caros amigos, esta palestra pode ser verdadeiramente uma chave para quem se encontra diante de um grande obstáculo. Para os outros, ajudará a tornar muito mais fáceis as próximas fases.

Alguma pergunta?

PERGUNTA: Durante um tempo enorme tive dificuldades com a meditação. Depois que superei algumas dificuldades, os resultados foram simplesmente milagrosos. Gostaria de perguntar o que é esse milagre.

RESPOSTA: O milagre é a lei da vida, uma lei que você acabou de descobrir. Essa lei diz que os conceitos que você tem se manifestam na sua vida. A verdade da vida, a realidade da vida, é o bem ilimitado. Na medida em que você consegue aceitar essa possibilidade – mesmo questionando, questionando honestamente – essa verdade, relativa a qualquer área que você conceber, se manifesta para você. Isso parece ser milagroso para a pessoa que até então só aceitava possibilidades negativas, e por isso não conseguia viver nem enxergar além dessas possibilidades negativas. As cercas estão exatamente onde as possibilidades de vivência e manifestação terminam no conceito, na expectativa, na perspectiva de vida de uma pessoa. Quando novas possibilidades são descobertas, na mesma medida as cercas recuam. Quanto maior for o alcance de experiências venturosas e alegres que a mente consegue captar, tanto mais essas experiências se realizam, porque na verdade tudo está aí, ao alcance, em profusão inimaginável. As cercas estreitas são sempre o resultado da distorção pessoal, da deformação neurótica, das emoções destrutivas.

O homem não pode experimentar além dos seus conceitos sobre a possibilidade da experiência. Se ele acreditar que a felicidade é impossível, como poderá ser feliz? Isso é lógico como qualquer lei física. Por exemplo, se você movimentar seu corpo daqui para lá, o seu corpo só pode estar no local para onde você o levou, não em outro. Isso não é nem mais nem menos milagroso que a lei da mente. Para onde você a levar, é lá que você estará. Se você estiver em um quarto sombrio, acanhado e pequeno, não precisa ficar lá. Mas só pode se convencer disso se sair do quarto e descobrir que, fora dele, existem muitos outros lugares mais agradáveis. Se resistir a qualquer tentativa de ajudar você a sair, por acreditar que talvez não exista outro quarto ou espaço para você, não conseguirá sair, por mais tempo que passe discutindo o assunto. É preciso tomar uma atitude concreta. É isso que você precisa fazer com a sua mente. Quando você descobre que de fato existe outro quarto, parece um milagre. Espiritualmente, mentalmente, emocionalmente, muitas vezes vocês ficam num cantinho sombrio, onde não podem se esticar, se desenvolver, vivenciar a beleza. Quando finalmente fazem a tentativa e descobrem o belo mundo que existe lá fora, como ele é seguro e agradável, isso parece um milagre. Aí, então, vocês podem pensar em mais e mais possibilidades de se desenvolver e vivenciar o bem, dar e receber o bem. Esse é o milagre da criação, tão natural quanto passar de um local a outro. Enquanto vocês tiverem pernas saudáveis, essa possibilidade existe. E se suas pernas tiverem se atrofiado por causa do longo confinamento desnecessário, a cura virá pelo exercício e tratamento. É isso o que vocês fazem com sua psique depois que ela viveu muito tempo em um ambiente de negativismo e exclusão; vocês limitam a sua visão e as suas ideias, e esse é o resultado de esconder-se de si mesmo, o resultado do falso medo do eu. Uma vez que esse medo é eliminado, acontece o “milagre” para todas as criaturas do universo. É uma lei tão lógica quanto qualquer outra que vocês já não acham milagrosa. A verdade, a realidade da criação é que não há limites para a liberdade e a possibilidade de vivenciar o bem. É uma possibilidade dada a todos. A cura das “pernas” da psique, para tirar proveito disso, é o resumo da palestra que fiz: deixar de lutar freneticamente para proteger a câmara secreta interna. Enquanto isso acontecer, vocês não conseguirão vivenciar as vastas possibilidades da vida e do seu ser interior. Para essa finalidade vocês têm o meu auxílio, e eu suplico que não passem por cima disso. Não fechem os olhos para o fato de que se esforcem para

não expor a parte secreta de vocês. Admitam que esse esforço é uma dor sem sentido que infligem a si mesmos, e que pode acabar hoje mesmo, se vocês quiserem!

Com essas palavras, abençôo todos vocês, meus amigos. Essa bênção visa dar a vocês uma força maior, para ajudá-los a ativar seus recursos internos que contribuirão para seus esforços. Sigam em frente, não esmoreçam nesse belo empreendimento, de profundo significado e absolutamente recompensador. Façam todo o possível nesse sentido. Entendam que o aspecto que lhes causa mais medo e que vocês têm menos vontade de examinar é o que precisa ser o maior foco da sua atenção, o que lhes dará a maior recompensa e libertação. A liberdade e a segurança que vocês vão sentir não podem ser expressas em palavras. Essas não são promessas vazias. Aqueles que, até certo ponto, já constatarem a verdade de minhas palavras, ajudem os que ainda se encontram numa etapa anterior. Não se isolem dos amigos que podem ajudá-los a superar o obstáculo. Não sejam orgulhosos demais, sem pensar se eles estão a menos tempo neste caminho ou se têm menos conhecimento. Peço que ajudem uns aos outros. Vocês não vão se arrepender. Pode haver muita ajuda recíproca.

Fiquem em paz. Saibam quão bela é a paz da verdade não se esquivando dessa verdade. Fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.